

J. Ribeiro Neto

O CAMAFEU

Estórias destes e de remotos tempos

Editor responsável

Wellington Souza

Produção editorial

Kalyne Vieira

Capa e projeto gráfico

Luyse Costa

Diagramação

Editora Benfazeja

Copyright © José Ribeiro Neto

Copyright © Editora Trevo

1ª EDIÇÃO, NOVEMBRO 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

R484c Ribeiro Neto, José.

O camafeu: estórias destes e de remotos tempos / José Ribeiro Neto. – 1. ed. - São Paulo : Editora Trevo, 2020.
180 p.; 14x21 cm.

ISBN 978-65-58510-01-7

1. Contos. 2. Histórias. 3. Literatura Brasileira. I. Título.
II. Assunto. III. Ribeiro Neto, José.

20-30219026

CDD B869.93

CDU 82-34(81)

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura Brasileira: Conto.
2. Literatura: conto (Brasil).

**Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário
Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846**EDITORA
Trevo

atendimento@editoratrevo.com.br
editoratrevo.com.br

*@editoratrevo*

J. Ribeiro Neto

O CAMAFEU

Estórias destes e de remotos tempos

1ª edição, 2020
São Paulo





Sumário

Ocaso	7
Cartas	10
Menino de Ouro	15
Um Grilo no Espelho	20
Alfa Djô	29
Kulik.	34
O Testamento de Tia Mocinha	38
O Retorno	46
O Legado do Albergaria	51
A Moreninha	58
O Mandachuva	63
Moça de Branco	69
Questão de Honra	75
A Pastorinha	80
O Dia da Emancipação	89
II	95
Gratidão	100
Aquelas Mal Traçadas Linhas	105
Ardósia	110
Parvo Panegírico	117
Mnemotécnica retrospectiva	118
A Visão da Sinhazinha	127
A Pedra da Guria	138
O Camafeu	148
II	151
III	158
IV	169



OCASO

Era verão, fim de tarde. O Sol já anunciava sua saída de cena, mas levaria um tempinho ainda para mergulhar no precipício do mundo. Ela já estava com tudo encamiñado para a janta. Água na chaleira, o fubá no cuscuzeiro; a sopa, bastaria esquentar. Bem que poderia aproveitar o restinho de claridade para adiantar uns serviços. Primeiro, quebrar no pilão umas quatro mãos de milho para fazer o xerém, que já estava findando.

Desde menina, amava o crepúsculo. Quando mais tranquila, ficava tempos absorta, olhos pregados no poente. Fascinada, acompanhava aquele disco dourado seguindo majestosamente para seu ocaso, despedindo-se com um espetáculo de cores mágicas que ia pintando no céu. Então era a vez da Lua, que com sua luz amena, prateada, vinha trazer um bendito refrigério para a Natureza. Mas hoje estava angustiada, inquieta. Um daqueles dias em que a gente se pergunta de que valeu tanta luta por essa vida afora! Só para ter o direito de levar essa vidinha chata, sem alegria, sem esperança?... Pior é quando, ainda por cima, chegam umas tantas coisas para azucrinar o juízo da gente. Se ela bem entendeu o que falou aquele secretário, eles corriam até mesmo o risco de perder o sitiozinho, que estava bem no traçado da nova estrada!

Queria esquecer tudo, concentrar-se em sua tarefa. Não era dia para apreciar o pôr-do-sol. Mas sentiu que tudo estava ficando tão estranho! De repente, não sabe de onde, apareceram aquelas nuvens negras, pesadas, que quase

cobriam o céu. Em tempo de estiagem, meu Deus!... Não demorou muito, espadas de fogo dardejaram lá de cima, trovões furiosos rugiram como há muitos anos não se ouvia por aquelas bandas. Tudo escureceu, assim sem mais nem menos. E nem eram seis horas ainda! Uma, duas, três... não sabe quantas aves agourentas passaram voando baixo, por cima de sua cabeça. Rasgando mortalhas, aqueles trinados sinistros, coisa de arrepiar! Pertinho dali, o coitado de Zé Astolfo, o bodinho preto do sítio, soltou um berro tão triste que deu vontade de chorar! Um lamento profundo, lá de dentro, um gemido de agonia. Apurou as narinas; sentiu um cheirinho esquisito, uma coisa diferente no ar. Bateu um medo tão grande! Lá no alto, nuvens formavam figuras medonhas que apareciam e se transformavam num instantinho. Cavalos... cavaleiros... dragões... Eram os sinais, sempre imaginou que seria assim! Tensa, respiração curta, correu para dentro de casa. Havia chegado o fim do mundo, ela tinha certeza. E seus últimos momentos, haveria de os passar com seu velho. Pensou correr para ele, abraçá-lo; mas parou, abobalhada. Viu-o sentado tranquilamente na sua cadeira de balanço, o jornal no chão, óculos no alto da testa. Ressonando, na paz do Senhor. Dormindo como um anjo, alheio a tudo que se passava neste mundo de Deus. Mundo que estava se acabando!... Seria muita maldade despertá-lo. Ficou algum tempo imóvel, sem saber o que fazer. Então se deu conta de que chegara tão amedrontada que segurava ainda a mão do pilão. Era um sinal.

Com uma vozinha mansa, sussurrada, abafada pelo barulho da chuva e mais ainda pelos estrondos daquelas trombetas aterradoras, falou: – Meu velho, você é um homem abençoado. O mundo tá se acabando, e você não

tá nem aí! Tão calminho, tão sereno, tão feliz!... É Deus mostrando que gosta de você, que não quer que você sofra nem um tantinho assim. Então sabe o que vai acontecer? Você vai antes!

Somente no dia seguinte, lá pelas nove da manhã, vizinhos que estranharam a ausência de seu Tibúrcio na feira o encontraram. Estava caído junto à sua velha cadeira de balanço, o crânio esfacelado. A um passo do corpo, um jornal, seus óculos quebrados, uma mão de pilão. Dona Diva foi achada a uns cinquenta metros da casa. Deitada, arquejante, recostada em um galho de cajueiro que tocava o chão. Estava encharcada, salpicada de lama. E o olhar ausente, perdido; fixado em algum ponto ao longe, bem ao longe!

CARTAS

Algo muito sério havia acontecido. Mesmo falando baixinho, deu para ouvi-la dizer: Você é mesmo o mais sórdido dos canalhas, Julival! Bateu o telefone com força, jogou-se na poltrona. Olhar perdido, as lágrimas lhe escorrendo. Eu a levei para o seu quarto. Trouxe-lhe o vidro de calmante, meio copo d'água. Ganhei um beijo, mas tive que a deixar sozinha.

Fui para a varanda, passei um bom tempo na rede. Pensado, pensando... Preso em um galho da goiabeira, eu vi Falcon, o meu brinquedo preferido, balançando-se; suspenso pelas cordas de seu paraquedas. Ele era um grande companheiro, havia-me acompanhado em heroicas aventuras. Muitas dessas, para resgatar meu pai Julival. Naquele momento, porém, dei-me conta de que minha infância havia terminado. Eu não mais poderia contar com Falcon nem com ninguém. Só me restava minha mãe e ela não poderia fraquejar. Fui a sua procura.

– Mãe, por favor, abra esta porta. Olhe, se você não abrir logo, eu vou sair de casa, vou gritar na rua como um desesperado, vou sumir no mundo. Não aguento mais! – Bati, chorei, dei chutes até que ela me atendeu.

– Que você tem, mãe? Conte para mim, não fique assim.

– Nada que a gente não possa superar, meu filho. As dificuldades vão ser enormes, mas com fé em Deus tudo se resolve.

– Papai está em perigo de novo? Que foi que ele fez?

– Não se preocupe, meu filho. Desta vez, ainda não vai acontecer nada terrível com Julival.

– E quando ele vem para casa?

– Nem sei, filho. Nem sei!...

– E não vai passar aqui para pegar as coisas dele? – O telefone tocou. Ela foi atendê-lo, nervosíssima. Logo me despachou:

– Julinho, deixe mamãe sozinha um pouco. Vá brincar no quintal, está bem?

Eu fui. Bati a porta da cozinha com força, para ela perceber que eu a tinha obedecido. Dei um tempo, voltei pela janela. Nas pontinhas dos pés, cheguei o mais perto que pude. Só ouvi o final:

– Está bem. Depois das onze e meia.

Devia estar com muita raiva, nem deu bom dia. Foi até a radiola, colocou os seus *lps* favoritos. Ainda bem que começou com os boleros do Trio Irakitan. Quando chegou no *Meu Mundo Caiu*, que a levaria ao choro convulso, ela já estava cochilando. Puxei a cortina para escurecer o ambiente, desliguei o aparelho. Não querendo ficar longe dela, fui para a mesa treinar chute com o Dinamite, um botão porretinha que ganhei na bola de gude. Li gibis, comecei o livro de Hans Staden.

Perto das sete, eu a despertei. Ela nada comera desde o café da manhã, devia estar faminta. Acordou desnorteada:

– Que horas são? Que horas são? Valha-me Deus, já é quase noite. Apaguei mesmo. Você se alimentou direitinho, meu filho?

– Sim, mãe, não se preocupe – menti.

– Foi bom eu ter dormido. Precisava muito.

– Foi ótimo, mãe; você anda exausta.

– Meu filho, não quer dormir hoje em casa de um amigo? Sei que as pessoas estão se afastando da gente, mas Jairinho gosta de você; Rodriguinho, também...

– Até que seria legal, mas hoje eu não vou sair daqui. Quero ficar com você.

– Obrigada, Julinho, mas é importante você se distrair um pouco, é muito novinho para encarar certas coisas.

– Mãe, por favor... – Ela me pareceu desconcertada. Disse por fim:

– Está bem. Eu entendo. Mas você não pode dormir tarde, ouviu? Quero que esteja inteirinho amanhã para me ajudar.

– Ajudar a quê, mãe?

– A arrumar nossas malas; não podemos mais viver nesta cidade, meu amor. Seria bom viajarmos amanhã mesmo, se encontramos passagem no trem.

– Por quê, mãe?

– Um dia, com calma, quando você já for um homenzinho, mamãe lhe conta tudo.

– Tudo bem, mãe.

Ela me deu um lanche antes de eu ir para a cama. Senti um gostinho diferente no suco de goiaba, mas não dei importância. O que estranhei foi vê-la arrumada quando entrou no quarto para me dar o beijo de boa noite. Vestia uma linda camisola preta, que eu não conhecia. Acho que a retirou de um pacote que entregaram em nossa casa, lá pelo fim da tarde. Depois das onze e meia!... Ela falou depois das onze e meia. Tinha que ser da manhã, minha mãe não marcaria nada para onze e tanto da noite!...

O relógio acabara de bater a décima segunda badalada quando pensei ter ouvido o ruído da porta da rua se abrindo.

Mamãe estava recebendo alguém em casa, na ausência de meu pai!? E na calada da noite, a hora da tentação e do pecado, como disse aquele frade da Santa Missão! Nunca, eu devia estar enganado. Não quis lutar contra o sono; adormeci.

Já se via a claridade do dia entrando pela telha de vidro quando acordei desorientado. Que teria acontecido? Ou estava acontecendo, sabia lá!... Mamãe marcara algo para depois das onze e meia e me queria longe de casa. Ou dormindo a sono solto. Não aguentei a ansiedade. Peguei meu travesseiro, fui para o seu quarto. Achei-a deitada, pensativa... E sozinha, graças a Deus!

- Desculpe, mãe, tive um pesadelo dos brabos.
- Eu também, meu filho, eu também. Que pesadelo!
- Você estava chorando, mãe!
- Não foi nada, já passou.

Ela colocou minha cabeça em seu ombro, começou a me acariciar.

– Temos que ser fortes, Julinho. A vida vai nos impor provações ainda maiores, daqui por diante.

Adormecemos. Fomos despertados lá pelas 9h, pelo telefone. Fui atender. Uma voz esquisita falou, meio debochada: – *Ei, menino, pergunte pra sua mãe quanto é o...* Entendi guichê. – *O senhor ligou errado, aqui não é da estação, não.* A próxima chamada, ela a atendeu. Aos berros: *Pergunte pra sua mãe, filho da puta!* E atirou o aparelho no chão, inutilizando-o.

No final da tarde, já havíamos arrumado quase tudo. Fomos para o quintal, onde ela pretendia desfazer-se de alguns troços. Fizemos uma fogueira com madeira de

caixotes velhos, papelões, jornais, galhos secos. Quando o fogo pegou, ela começou a alimentá-lo com páginas que ia arrancando dos álbuns da família, correspondências, presentes que recebera de meu pai... Depois foi a vez da camisola novinha que usara. Fez questão de besuntar de querosene os objetos que dizia mais odiar neste mundo: uma toalha verde de feltro, uns copinhos de couro, dados, baralhos importados; dois desses, ainda sem uso. Foi um fogo bonito. O vento soprou mais forte, levantando cinzas, fagulhas e o que restava incombusto. Cartas de baralho danificadas pelo fogo rodopiaram no ar. Duas caíram próximo de nós. Mamãe pediu que as apanhasse.

– Que cartas são essas, meu filho?

Mostrei-lhe uma dama de ouros semidestruída... e um valete de paus praticamente intacto.

– Não, não acredito! Isso é um deboche do Satanás para me fazer blasfemar!

Embarcamos pouco depois da meia-noite. Pensei ter avistado papai meio escondido atrás de uma pilastra, quando o trem começou a locomover-se.

– Mãe, aquele ali é papai, não é?

– Não, meu filho; com certeza, não! – respondeu-me a dama de ouro sem sequer desviar a vista.

MENINO DE OURO

Lá vai ele! Lindo, quando sai todo arrumadinho, com suas roupinhas digrife. Nasceu pra ser um reizinho, ter tudo que quiser. Não herdou nada do finado, graças a Deus.

Hoje, vai dá tudo certo novamente. Ele sabe o que faz. Muita gente diz que Cicinho já bota muito adulto no chinelo, não é conversa de mãe coruja, não. Com Pelé não foi assim!? Com os Ronaldinhos, também. Desde meninos mostraram pra que vieram ao mundo. É bom começar cedo, novinho ainda poder andar pelo estrangeiro, curtir as barramas, frequentar hotéis de 5 estrelas!...

Foi tão legal, semana passada: tomei um suco de maracujá e pô, arriei. Acordei com Cicinho me beijando. Alegre, feliz da vida. Aí fui lavar logo a roupinha dele, preparar um lanchinho. E a gente conversou, conversou, fez planos e mais planos. É pra pensar alto, sim. Eu tive certeza disso quando ele me chegou cheio de sacolas daquela loja super-granfa. Não gosto nem de dizer o nome. Quando eu disse daslu, apareceu uma professorinha metida a sabida e falou que uma loja chique dessa deve ser franquia francesa; e se é francesa, é dasli. Quando falei dasli, fazendo biquinho e tudo, a madame que tava ao meu lado num cuafêr disse que era daslu! Bem, dasli ou daslu, o certo é que ganhei minhas bolsas luí vuton, minhas botas iscarpan... E ele ainda vai me dar um sapato de socialaite, daquele de sola vermelha. Quem quiser que morra de inveja!

Meu fardo é o outro, o coitado do Cesário. Que menino sem ambição, meu Deus! Esse sim, é o pai sagado e